

Marina Diniz Botelho

Clínica psicológica, Terapia Social e suas relações com a psicologia histórico-cultural.

Uberlândia

2022

Marina Diniz Botelho

Clínica psicológica, Terapia Social e suas relações com a psicologia histórico-cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Regina Pereira

Uberlândia

2022

Marina Diniz Botelho

Clínica psicológica, Terapia Social e suas relações com a psicologia histórico-cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Regina Pereira.

Banca Examinadora

Uberlândia, 14 de setembro de 2022

Profa. Dra. Eliane Regina Pereira
Universidade Federal de Uberlândia – MG

Prof. Dr. Ruben Nascimento
Universidade Federal de Uberlândia - MG

Prof. Dr. Janailson Clarindo
Faculdade Luciano Feijão - CE

Uberlândia

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que deixaram uma parte de si, em mim.

Aos meus professores, que desbravaram os caminhos e me deram apoio numa caminhada que faz descanso aqui, mas nunca termina. Gostaria de reiterar todo carinho e respeito que tenho por aqueles que se fizeram ativos numa produção conjunta de conhecimentos e possibilidades.

À minha família que me apoiou durante meus pesares, que me deram tempo e espaço para crescer, além de muito amor. A Cris mãe que inúmeras vezes me ofereceu mais do que eu merecia e ao Peter pai que me mesmo sem entender me permitiu espaço e recolhimento para traçar os caminhos que eu julgava certos. Ao meu irmão protagonista de uma das histórias mais marcantes de todo esse trajeto e que respeitou meus pedidos de não interrupção. As minhas avós, mulheres que me são exemplo. Ao meu avô que sem dizer muito sorri em meu favor. Aquele que não está mais aqui, mas vive em minha memória. A todos tios e primos, que sempre me quiseram bem.

Aos meus amigos, que são porto em mar aberto. Que me permitem ser mais do que eu jamais imaginei, ao lado deles eu experiencio o melhor de mim. Aqueles que vem desde a infância e constantemente me relembram da minha própria história, aqueles que num tropeço mudaram o rumo da minha vida, aqueles que durante anos eu não sabia o cheiro e aqueles que pelo destino passaram meia década ao meu lado.

À minha orientadora que me ofereceu o mais difícil dos presentes: tempo e paciência. Foram muitos anos sob sua tutela, muitos receios e muita admiração. Por fim espero que saiba o quanto valorizo o espaço permitido para vivenciar todo esse processo.

Às minhas gatas, Amy e Mini que, principalmente durante a pandemia, me fizeram companhia nas inúmeras horas sentadas em frente ao computador.

A todas as pessoas que foram gentis quando eu menos esperava, ainda levo o sorriso de estranhos no coração.

A Yasmin Cristina, te sinto todo dia.

*“A word is dead
When it is said,
Some say.
I say it just
Begins to live
That day.”
(Emily Dickinson)*

*“Uma palavra morre
Quando falada
Alguém dizia.
Eu digo que ela nasce
Exatamente
Nesse dia.”
(Trad. Idelma Ribeiro Faria)*

RESUMO

A clínica é um espaço que se constitui desde a antiguidade e assim como a história sua reformulação é constante. A clínica psicológica é uma especificidade relativamente nova dentro desse contexto e sua formulação é influenciada tanto pelo paradigma científico dominante, quanto por outras visões que buscam explorar as possibilidades desse espaço. Lev Vigotski, um dos principais nomes da psicologia histórico-cultural, tem seu trabalho mais popularizado nas áreas da psicologia escolar e social, porém há aqueles que fazem uso de seus pensamentos para uma prática clínica, como Fred Newman e Lois Holzman, fundadores da Terapia Social (TS). Apesar de não ser uma vertente que se encaixe na perspectiva histórico-cultural, por ser uma síntese dos pensamentos de Marx, Vigotski e Wittgenstein, a TS focaliza em práticas grupais que se baseiam em noções importantes do pensamento Vigotskiano, possibilitando um vislumbre das ideias do autor bielorrusso no contexto clínico. Frente a isso, utilizando-se da pesquisa bibliográfica, esse trabalho se propõe a apresentar a Terapia Social, além de discutir suas aproximações e distanciamentos com a psicologia histórico-cultural do ponto de vista da clínica psicológica.

Palavras-chave: clínica psicológica; psicologia histórico-cultural; Vigotski; Terapia-Social

ABSTRACT

The clinic is a space that has been constituted since ancient times and, like history, is in constant reformulation. Clinical psychology is a relatively new specificity within this context and its formulation is influenced, both, by the dominant scientific paradigm and by other points of views that seek to explore the possibilities of that space. Lev Vigotski, one of the founders of cultural-historical psychology, has his works most popularized in the areas of educational and social psychology, but there are those who make use of his thoughts for clinical practice, such as Fred Newman and Lois Holzman, founders of the Social Therapy (ST). Despite not being totally aligned with the cultural-historical psychology, as their theory is better seen as a synthesis of Marx, Vigotski and Wittgenstein thoughts, the ST focuses on group practices that are based on important notions of Vigotski's thoughts, allowing a glimpse of his ideas in a clinical context. In this view, using a bibliographic method of research, this work proposes to introduce the so-called Social Therapy, in addition to discussing its approximations and distances with the cultural-historical psychology from the point of view of clinical psychology.

Keywords: clinical psychology; cultural-historical psychology; Vigotski; Social Therapy

INTRODUÇÃO

A construção da clínica

Quando se discute a temática da clínica autores como Fonseca e Farina (2012); Bedrikow e Campos (2011); Cunha (2004); iniciam suas ponderações sobre o que ela representa com a análise etimológica desse termo. “Clínica” é derivada da palavra grega κλινικός (Klinicós) que além de originar a palavra no português, também perdura com a mesma grafia do grego arcaico (κλινικός) no grego moderno, entretanto apesar de manter sua forma gráfica imutada o seu significado passou por transformações e hoje ele mais se assemelha ao significado de Clínica no português moderno (Nascentes, 1955).

É possível observar que mesmo na antiguidade κλινικός (Klinicós) foi derivada de um outro termo, κλίνω (Klinó), que tinha entre um de seus significados, o ato de debruçar-se sobre o leito, ou o de colocar alguém em um leito, de acordo com Liddell e Scott (1996), κλινικός (Klinicós) então representava a pessoa que se deslocava até os doentes que não conseguiam sair de suas camas. Porém onde antes a palavra Klinicós estava relacionada à uma ação ou até mesmo a um ofício, o de cuidar, hoje está proeminentemente associada a um método. Como é usual na língua observa-se que o sentido de clínica se transformou junto às reformulações históricas conotativas relacionadas aos significados do ato de cuidar.

Analisando uma visão histórica desse fenômeno, o atual sentido atribuído à clínica possui influências diretas dos ideais iluministas, como apontado por Fonseca e Kirst (2004) o termo continua relacionado aos ideais de racionalidade, sistematização e hierarquização dos saberes, assim como ao poder de decisão sobre os corpos, julgando o que se deve ser corrigido (normatizado) e como.

É possível exemplificar essa relação a partir da análise da palavra inglesa “*Clinical*” que possui a mesma raiz etimológica grega de Clínica, e que além disso funciona como um adjetivo que caracteriza tanto um método possível de atuação dos profissionais de saúde, quanto uma

postura de análise fria e imparcial de algum fenômeno, como definido pelo Dicionário Cambridge (Clinical, 2022).

Mas aqui nos perguntamos, seria essa a visão do fazer clínico que gostaríamos? Concordamos com Fonseca e Farina (2012) nas afirmações de que não podemos reduzir a clínica apenas ao tratamento daqueles tão enfermos que sequer saem de seus leitos e nem que a melhor abordagem para a superação dessa condição é a de apontar aos pacientes qual melhor direção seguir, baseado em preceitos universais. Entendemos que a melhor forma de se agir na clínica é debruçar-se sobre as histórias, fazer no encontro, em conjunto. Logo deve-se então transformar esse olhar da clínica imutável, pré-moldado, para uma clínica ampliada¹ que potencialize os sujeitos e que se relacione não com o adjetivo estático clínica, mas com o verbo abrangente clinicar.

Entretanto romper com modelos tão engendrados na nossa cultura não é tarefa fácil, Bedrikow e Campos (2011) apontam que como mostrado por Crooskshank desde a Grécia antiga quando o ofício médico se iniciava, já existiam duas escolas, a de Cos e a de Cnidos, que se diferenciavam na forma como travam a doença e suas repercussões. A primeira diz de uma visão “biológica” da doença, e apesar do seu nome inicialmente nos remeter ao termo “biologicismo”, na realidade dizia de uma preocupação para com o sujeito em sua integridade, como um ser que sofre as repercussões dos males que o aflige como um todo, já a outra vertente (Cnidos) acreditava no estudo especializado da doença, como uma entidade a ser combatida e que deveria ser estritamente tratada para livrar o sujeito dos seus malefícios.

Ainda seguindo a linha desses autores, com a evolução do pensamento científico dentro dos moldes positivistas a clínica contemporânea tomou forma nos preceitos defendidos por essa última linha teórica. Sendo assim é possível notar que atualmente o modelo hegemônico de

¹ A clínica ampliada é um conceito já bastante discutido no meio acadêmico, ela não se restringe a clínica psicológica sendo abordada pelo ministério da saúde como prática de cuidado que visa uma compreensão integral do paciente e suas particularidades, (Brasil, 2009).

clínica ainda é marcado pela dicotomização dos fenômenos como, saúde e doença, normal e patológico, corpo e mente, abordados como aspectos distintos entre si e não como interligados a uma vivência integral do sujeito.

Campos (2002) adiciona que também não é possível se descartar a grande influência da medicina para a consolidação do modelo clínico. Visto que dela se derivaram as outras especialidades das chamadas ciências da saúde e que, virtualmente todas, possuem a prática clínica como uma de suas atividades.

Nesse papel de destaque cabe mencionar que na ciência médica o enfoque principal seria a doença, analisada por uma ótica amplamente influenciada pelos métodos biólogos de catalogação e classificação como discutido por Bedrikow e Campos (2011). Os autores também discorrem sobre como desse modo o objeto intrínseco “doença” ganhou cada vez mais notoriedade, e passou a ser como um ente independente do sujeito. Nessa perspectiva havia-se de focar o fenômeno da maneira mais objetiva possível, e então a clínica passa a ser o lugar onde se investiga o paciente, para que se possa localizar e identificar a doença a fim de extrai-la. O indivíduo em si fica em segundo plano, e sua subjetividade é ofuscada, o bem-estar integral do paciente não é então o objetivo último da clínica hegemônica e sim a investigação e identificação da anomalia.

O conceito de normal e patológico é também notório nesse espaço, visto que para uma “melhor performance” do profissional clínico, é necessária uma “base ideal” a qual comparar os pacientes, a fim de identificar com maior facilidade e velocidade em quais aspectos ele não se conforma, e logo o que poderia haver de errado com ele, para assim pensar formas de como intervir.

Em conjunto, esses aspectos desaguam no distanciamento progressivo entre o clínico e o paciente, as lentes focais da doença distanciam aquele da vivência integral do sujeito em sofrimento e das singularidades de cada caso, como apontado por Campos (2002) pode-se se

dizer que ocorre até mesmo uma desresponsabilização do profissional para com a subjetividade do sujeito, visto que o seu objetivo é unicamente na atuação contra a doença.

É justamente na dicotomização e distanciamento da clínica que reside sua maior falha atual, a falha para com a integralidade do sujeito. E na tentativa de se “remendar” esse ponto, diversos autores propõem a expansão desse espaço, em um modelo que trabalhe de forma holística, visando o bem-estar total do sujeito.

Apesar de outros termos serem utilizados, referir a esse novo modelo como “Clínica expandida” diz sobre um novo olhar, mais amplo, sobre espaço já consolidado na sociedade, não é uma negação de tudo o que se formulou até agora, pois apesar de seus compromentimentos a clínica hegemônica, como reiterado por Bedrikow e Campos (2011) de muito contribuiu para o avanço das ciências da saúde. A expansão da clínica residiria na integralização do sujeito, tendo ele em sua totalidade como foco do cuidado. A doença, causa de mal-estar, ainda faz parte da prática e é preciso levá-la em consideração para que se possa auxiliar o paciente, porém a sua mera erradicação não é mais o norteador das intervenções, não se quer apenas abrir o paciente e retirar o que não deveria estar lá, e sim considerar a existência concreta da pessoa como diz Campos (2002). É olhar a concretude de um corpo que reflete não só a doença, mas todas as vivências daquele sujeito, onde ele mora, com o que trabalha, como ele enxerga o que está acontecendo consigo mesmo e quais seriam suas vontades futuras. Concordamos com Benevides e Passos (2006) quando elas dizem da clínica da afecção, porém não mais no sentido médico e sim no sentido etimológico da sua raiz latina *affectio*, que seria a relação entre diversas coisas, um estado, modo de ser.

É importante ressaltar que até agora falamos da clínica num contexto geral, devido a suas bases comuns, porém o que se pretende a partir daqui é pensar mais especificadamente na expansão da clínica na psicologia, visto que ela apresenta algumas particularidades. A expansão

da clínica psicológica fala fundamentalmente de se abrir um espaço que vá para além do tratamento dos transtornos psíquicos, ela fala de trabalhar a potência do indivíduo.

Fonseca e Kirst (2004) propõe que um dos primeiros empasses da clínica é a homogeneização demasiada da normalidade, há poucos espaços para ser fora do que é esperado pelos moldes da sociedade capitalista, e apesar das múltiplas formas de sofrimento geradas por esse modelo de produção da vida, ainda sim se é cobrado do sujeito que mantenha uma aparência firme, e caso falhe é atribuído a ele mesmo os motivos do seu fracasso. Esses indivíduos que falham em alcançar tais metas irreais, entram em contato o sofrimento psíquico e procuram a clínica psicológica para uma ajuda especializada.

A ampliação da clínica pode começar já pelo olhar que se tem sobre tais especializações na área da saúde, um paciente com uma queixa psicológica muitas vezes pode apresentar comorbidades que terão de ser avaliadas e auxiliadas por outros profissionais, é fundamental, porém que não se esqueça que o paciente é unificado e que o plano de tratamento não pode ser uma soma de pequenas partes. Como debatido por Jaeger e Fonseca (2012), ele também não pode ser abordado pela visão hegemônica de tratar a doença como espectro intruso e inadequado na vida do paciente, que deve ser retirado da forma que for necessária, pois só assim a normalidade voltaria a acontecer. No caso da psicologia, seria importante então questionar o enfoque sobre a neutralização dos sintomas, com o intuito de assim se extinguir o transtorno.

Costa et al. (2004) ao discutir com os conceitos de Guattari, afirmam que na clínica psicológica o que devemos priorizar é a percepção do sujeito sobre ele mesmo, e que se deve auxiliar ao paciente enxergar o seu processo de continua formação e de potencial, e não uma personalidade fixa escondida em seu interior.

Na clínica expandida o conceito de “finalidade”, isto é o objetivo a ser alcançado, fica difuso visto que por todo o trajeto se buscam frestas para potencializar o sujeito. Como explicitado por Passos e Benevides (2006) é preciso que se permita no ambiente clínico um

espaço de possibilidades, de experimentar aquilo que talvez não se consiga explorar em outros locais, as experiências são em si as locomotivas do indivíduo, os devires não têm precisam no fim se estagnar em um “melhor”, eles são em si mesmo o objetivo da clínica.

É compreensível que se achar tal lógica um pouco vaga quando se indaga, “Mas e o sofrimento do sujeito? Não será remediado?”, porém é exatamente no questionamento do porquê ele sofre, que ele pretende e como gostaria de chegar lá que as múltiplas experiências podem tomar forma. É no questionamento que o espaço para a mudança se abre, entendemos que é papel da clínica permitir um espaço seguro de reflexão e experimentação para que o sujeito não fique preso as amarras sociais e expectativas artificiais. Pois é também na clínica onde pode-se fomentar no sujeito que ele se veja como um ser social, implicado em uma comunidade, ao mesmo tempo influenciando e sendo influenciado pelo seu ao redor, e sendo assim um possível vetor de mudanças no mundo que o circunda.

Clínica psicológica e a teoria histórico-cultural

Um aspecto diferencial observado dentro da clínica da psicologia, são os diferentes aportes teóricos utilizados na tentativa de se fundamentar essa prática. Como apontado por Tocabens (2014) atualmente diversas são as teorias formuladas para auxiliar o profissional nesse aspecto, e assim como Delari Júnior (2012) concordamos que para uma teoria sólida é necessário principalmente uma explicitação clara da sua epistemologia e consistência em suas teorizações já que é a partir delas que o psicoterapeuta fundamentará sua pesquisa, prática e metodologia.

Acreditamos que a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), fundada pelos trabalhos de Lev Vigotski na Rússia pós revolucionária, é uma teoria potente para dar conta das exigências requeridas para uma boa fundamentação da prática clínica. Apesar de no Brasil seu renome

estar primordialmente ligado às suas atuações no contexto educacional, Gunlanda et al. (2017) e Delari Júnior (2012) apresentam que Vigotski durante sua trajetória teve o que se pode interpretar como uma prática clínica, visto que o autor trabalhou para o desenvolvimento da pedologia, “entendida como uma ciência geral para o entendimento do desenvolvimento da criança” (Delari Júnior, 2012, p.4), e no Laboratório de Clínicas de Doenças Nervosas da Universidade de Moscou, onde além do contato com psiquiatras que realizavam a terapia tinha como objetivo a produção de material que contribuísse para a compreensão e intervenção dos males que estavam acometendo aquela época.

Os mesmos autores também apontam que o autor além de ter contato com uma prática clínica, abordou tópicos respeito pertinentes desse ambiente como: o questionamento sobre como eram feitos e interpretados os diagnósticos da sua época, pesquisas para a investigação e fundamentação de uma “teoria da personalidade”, estudos para a prevenção do sofrimento psíquico e na intervenção nesse fator quando ele já está alojado.

Vigotski, entretanto faleceu precocemente e suas teorizações tiveram de ser seguidas por alguns de seus discípulos e contribuintes, mas ainda hoje, como defendido por Delari Júnior (2012), se faz necessário metodificar e desenvolver algumas de suas linhas de raciocínio sobre a PHC, principalmente no contexto clínico. Ferreira (2017) em sua tese de conclusão de curso (TCC), aponta a defasagem de publicações debatendo mais profundamente a PHC no contexto clínico e se propõe a analisar três linhagens atuantes no território brasileiro que visam se aprofundar e propor métodos de ampliação da teoria. E mesmo que em sua conclusão o autor eleja uma das propostas como a mais coerente com a PHC de Vigotski, acreditamos que ainda há um longo caminho a ser trilhado na investigação e expansão dos conhecimentos da PHC na prática clínica.

Sendo assim, nos propomos a apresentar a Terapia Social (TS), teoria-prática idealizada por Fred Newman e Lois Holzman e influenciada pelos pensamentos de Lev Vigotski, além de

discutir suas aproximações e distanciamentos com a psicologia histórico-cultural do ponto de vista da clínica psicológica.

MÉTODO

Tendo em vista que os materiais básicos de investigação desse trabalho são as obras de Lois Holzman e Fred Newman essa pesquisa se compôs por natureza bibliográfica, sendo ela resumida por Sousa et al. (2021) como: “A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.”. Para recolher a bibliografia básica utilizou-se os sites dos autores que contém uma lista dos trabalhos que publicaram durante sua vida, além do site da organização central dos autores, o East Side Institute que também oferece uma aba com uma ampla gama de referências a respeito da Terapia Social. Vale ressaltar que três livros tomaram um lugar principal durante a elaboração do trabalho, sendo eles “Performing Psychology”, “Psychological Investigations” e “Lev Vygotsky um cientista revolucionário” também tendo sido consultada sua versão original em inglês “Lev Vygotsky revolutionary scientist”. Também foram utilizados outros trabalhos acadêmicos que discutem os autores além dos trabalhos sobre a clínica na perspectiva da psicologia histórico-cultural para contextualizar a discussão do tema.

A pesquisa também se deu pela abordagem qualitativa, visto que para alcançar os objetivos propostos é necessária uma postura ativa dos autores de interpretação e integração dos materiais lidos, além do fato de que em coerência aos pensamentos Vigotskianos não é possível separar os resultados da investigação em si, sendo esse o caráter dialético do método.

DISCUSSÃO

Antes de tentar resumir os principais conceitos dessa proposta, seria benéfico explicitar previamente, algumas problemáticas. A começar pela conceituação do trabalho executado pelos autores, devido às influências marxistas e pós-modernas nos pensamentos de Newman, apesar de a Terapia Social (TS) contar com um corpo teórico que a envolve e sustenta, ela não é propriamente chamada pelos autores de Teoria, para eles a TS é principalmente (primordialmente) uma prática, um método, pautado na noção de ser humano como ser ativo e revolucionário e na negação da ciência positivista e seu paradigma aplicado as ciências humanas. Além disso, Holzman (2003b) afirma que o trabalho que eles realizam está em continuar mutabilidade e a sua definição precisa em termos conceituais não é algo que os interessa. Com isso a sintetização de maneira unificada e linear da Terapia Social se apresenta como uma empreitada difícil.

Outro ponto a ser considerado é a questão sobre a autoria da TS já que ela é produto de uma longa jornada de inconformidade, questionamentos, propostas, atuações e revisões de um método que visava modificar qualitativamente a vida das pessoas, idealizada primordialmente por Fred Newman, mas influenciada por toda a comunidade que ao longo dos anos se dispôs a participar dela. Com isso apesar de a autoria da TS frequentemente ser atribuída a Newman, a maioria das publicações que temos sobre esse trabalho se deu por via de Lois Holzman, a quem caracterizamos como a maior contribuinte de Newman e quem organizou e publicou a maior parte dos trabalhos escritos que discutem esse conjunto de ideias. Lois atualmente é a diretora do East Side Institute, o atual centro de treinamento e atuação de pessoas vinculadas a terapia social, ela assumiu o cargo depois do falecimento de Newman em 2011 e continua a desenvolver e disseminar as ideias da TS. Logo apesar de Newman ser compreendido como o fundador da Terapia Social, entendemos que a figura de Lois Holzman é tão importante quanto a do autor no debate e exposição dessas ideias.

Devido então a longa e sinuosa trajetória da construção do que hoje se tem como Terapia Social², julgamos interessante uma breve contextualização sobre seu percurso. Holzman (2020) conta que a Terapia Social foi uma psicoterapia que começou a ser desenvolvida por Fred Newman em 1970. Newman nasceu em Nova York e que na sua juventude era um simples trabalhador de base, serviu na guerra da Coreia e após seu retorno aos Estados Unidos da América (EUA) graduou-se em filosofia. Ele chegou a realizar um Ph.D. em “Filosofia da ciência e dos fundamentos da matemática” e continuou seu trajeto como professor universitário, porém, assim como muitos outros na década de 60 se identificou com visões radicais emergentes e não acreditava que mudanças sociais significativas viriam de dentro da academia. Newman voltou-se ao ativismo e à organização de atividades comunitárias, enfocando principalmente comunidades marginalizadas. Já incitado pela teoria marxista e inserido no contexto da contracultura, como bem apontado por Camargo-Borges (2010), Newman começou uma jornada de críticas ao paradigma científico moderno, ainda hegemônico da contemporaneidade, que duraria até o final de sua vida e se materializaria em diversos projetos que tem o desenvolvimento humano como foco.

No início das suas atividades Newman praticava com alguns colegas aquilo que ele nomeara “Terapia Proletária” sua primeira investida em uma “terapia radical contra o capitalismo” (Camargo-Borges, 2010, p.50). Mas foi somente após a aproximação com Lois que sua proposta tomaria uma forma mais parecida com a atual, tendo a questão do desenvolvimento e emancipação humana como primazias. Lois Holzman, era uma Ph.D. e pós doutora em psicologia do desenvolvimento e apesar dos “backgrounds” diferentes, ambos

² Entendemos que em seus últimos trabalhos, os autores utilizam uma diferenciação entre Terapia Social (Social Therapy) e a Terapêutica social (Social Therapeutics), a primeira se relacionado às práticas clínicas dos autores, e a segunda se referindo a um contexto expandido de atuação como escolas, movimentação social, projetos artísticos (Holzman, 2020; e Holzman e Newman, 2012). Porém pela questão de que em sua tradução para o português os termos se tornam quase sinônimos, nós optamos por utilizar Terapia Social em todo o corpo do trabalho independentemente das particularidades.

compartilhavam da perspectiva de que a psicologia como disciplina e imaginário popular precisava ser transformada. Ela apresentou a Newman um teórico que os auxiliou a dar um salto qualitativo não só na discussão de seus trabalhos, mas em suas práticas, sendo ele o russo Lev Vigotski. A partir daí o trabalho dos autores também admitiria conceitos de Ludwig Wittgenstein, um filósofo e linguista austríaco e se aproximaria de conceitos do Teatro, para formar o que hoje se tem como Terapêutica Social (Holzman e Mendez, 2003).

Tendo em vista nossos objetivos, de apresentar a teoria-prática de Fred Newman e Lois Holzman e discutir suas aproximações e distanciamentos com a psicologia histórico-cultural do ponto de vista da clínica psicológica, e levando em consideração que apesar de os autores exporem a importância das ideias de Lev Vigotski para a sua prática, como também é dada ênfase a outros pensadores como Marx e Wittgenstein e considerando a perspectiva pós-moderna que perpassa todo o corpo discursivo da TS, entendemos que o conjunto dessas correlações fazem com que uma nova lente de interpretações a respeito dos escritos de Vigotski se abra. Sendo assim julgamos pertinente abordar, mesmo que brevemente, como tais perspectivas transitam dentro do pensamento da Terapia Social.

Influências na Terapia Social

Retomando uma conceituação mais geral, Costa (2008) nos apresenta que termo pós-modernismo foi primeiramente utilizado no meio das artes, porém em pouco tempo se transmutou e passou a englobar uma crescente gama de aspectos relacionados a uma nova forma de sociedade pós era industrial. Com essa ampliação, definir o pós-modernismo de forma a abarcar todos seus significados se tornou basicamente impossível e a tentativa de definição precisa do termo inevitavelmente levaria a alguma forma de contradição.

Porém, Hicks (2011) nos apresenta uma saída, ao caracterizar esse conceito como um movimento intelectual, assim sendo ele possui premissas fundamentais como uma visão de homem, de mundo e de valores. Ele se caracteriza, porém como uma crítica ao modernismo e a forma como o modelo iluminista influenciou a construção da sociedade contemporânea. O pós-modernismo então, levanta críticas ao conceito de realidade, verdade, objetividade e principalmente ao método científico positivista utilizado para estudo e análise do mundo. O pensamento pós-moderno é descentralizado, onde a realidade é socialmente construída e os conceitos humanos a respeito do mundo não podem ser desassociados de quem os constroem. Assim como os indivíduos não podem ser vistos descolados de sua historicidade e socialidade.

E é dessa forma que o pós-modernismo influencia a visão de Newman, como aponta Holzman (2003), alinhado a esses questionamentos o autor tece principalmente uma crítica a ciência psicológica atual e denuncia a forma como a adoção indiscriminada de métodos científicos não criados objetivando a investigação da atividade humana resulta em uma visão reducionista do homem.

Vale reiterar que a crítica de Newman quanto ao paradigma científico não é, como muitas vezes acusam aqueles críticos aos pensamentos pós-modernos, uma negação absoluta à ciência moderna. Ele afirma em diversas obras (Holzman, 2003; Newman e Holzman, 2002) que o modelo científico hegemônico atual, foi e continua sendo de extrema importância para o avanço tecno-científico da contemporaneidade, a problemática é a forma como essa ótica de investigação se expandiu para além daquilo que possibilitou sua emergência.

Em identificação aos questionamentos pós-modernos Newman aponta a ciência moderna como um conjunto de proposições, métodos, instrumentos e perspectivas que surgiu num determinado contexto histórico onde a expansão do conhecimento a respeito do mundo natural e sua transformação eram pautas de crescente interesse. Durante a revolução industrial essa perspectiva ainda se mostrava de grande utilidade para o avanço tecnológico e a

modernização das formas de produção de vida, entretanto devido a sua importância e disseminação essa perspectiva passou a se intitular como única forma de análise válida da realidade. E é nesse ponto que as críticas do autor se focalizam, como inserido em uma de suas peças, ele questiona a “autoafirmação da ciência como o paradigma universal do saber” (Newman, 2003b, p. 152, tradução nossa) ³

Newman reforça sua posição ao reiterar que o paradigma científico positivista é como todo os outros, uma formulação humana. Tal paradigma, ao se sustentar na afirmação de ser a única visão possivelmente correta a respeito da realidade e devido a sua metodologia analista e imparcial, falha em identificar que sua construção foi e continua sendo uma construção social e, portanto, histórica. O autor apresenta a irrealidade pretenciosa de se assumir que esse modelo de ciência é último e eterno, visto que historicamente nenhuma perspectiva de mundo se mostrou inalterável. Ele questiona também sua validade para entender fenômenos contemporâneos, que estariam para além daqueles relacionados ao seu desenvolvimento inicial. (Holzman, 2003b)

Tal questionamento é importante para o desenvolvimento da Terapia Social pois é através dele que o autor elabora uma dura crítica a forma como a psicologia se consolidou como “ciência psicológica” no último século, já que ela assim como as outras ciências humanas, adotou o paradigma das ciências naturais e em consequência moldou-se na intenção de caber nas formas de algo outro a ela mesma. O autor então levanta questionamentos a respeito da validade e consequência desse paradigma científicista para a forma como a psicologia responde às problemáticas da contemporaneidade, (Holzman, 2003b).

Na sua visão o método científico moderno é inadequado para a investigação dos fenômenos tipicamente humanos, pois a sua premissa investigativa visa o desvelar de verdades universais, através de experimentações controladas e uma postura objetivas do pesquisador. O

³ No original: “science’s self-serving claim that it is a universal paradigm of knowing.” (Newman, 2003b, p.152).

que além de metodologicamente impossível para a psicologia, enfocaria aspectos não representativos do complexo fenômeno que é o “ser humano” gerando um discurso limitante e normativo a respeito do assunto (Holzman, 2003b).

Ao se aprofundar no tópico das inconsistências metodológicas, Newman debate que não seria cabível a psicologia a adoção de um dos conceitos centrais da ciência moderna que ele denomina “aboutness”, conceito porventura de difícil tradução. Autores como Guedes et al. (2009) e Miranda (2019), oferecem uma perspectiva da sua pluralidade, apresentando como uma tradução possível o termo “concernência” que consideramos refletir a relação existente no termo em inglês que deixa implícita a correlação existente entre o objeto a ser estudado e quem o estuda. Essa relação de “algo que concerne a alguém” demonstra uma distância e diferenciação entre o objeto e o investigador, ela exige a existência de um “distanciamento conceitual” entre eles para que os requisitos de objetividade e análise possam se manter. Porém para Holzman (2003a) tal distanciamento seria impossível na psicologia, já que “não podemos nos distanciar de nós mesmos sem distorcer a parte de nós que pretendemos entender; não temos como evitar sermos autorreflexivos (p.58, tradução nossa)⁴ ou, “Entretanto, a condição humana da autoconsciência (nós somos uma espécie que estuda) é tal, que a distância requerida para nossa atividade ser um objeto de estudo científico o qual algo possa ser dito, não existe” (Newman e Holzman, 2003b, p. 94, tradução nossa)⁵. O que o autor apresenta é que então devido a sua característica reflexiva o ser-humano seria qualitativamente diferente dos objetos, fenômenos ou outros seres vivos, estudados pelas ciências naturais, e o que acontece para que se atinja o ideal científico na psicologia é um falseamento do “ser humano”.

⁴ No original: “we cannot distance ourselves from ourselves without distorting that part of ourselves we seek to understand; we cannot help but be self-reflexive” (Holzman, 2003a, p.58).

⁵ No original: “However, the self-conscious human condition (we are a studying species) is such that the distance required for our activity to be an object of scientific study about which something can be said does not exist.” (Newman e Holzman, 2003b, p.94)

Falseamento que também se intensifica pela necessidade de delimitação, ou na visão de Newman, da criação de um objeto “natural” de análise, relativo aqueles das ciências naturais. Criação, pois para ele “não há fenômenos naturais que ingenuamente sejam razoáveis e reconhecíveis no reino da real vivência social humana; não há nada que possa sensatamente ser acordado como indubitavelmente real.” (Newman e Holzman, 2003b, p.93, tradução nossa) ⁶ e que as “tentativas, então, de cientificamente estudar a real vivência social humana acabam distorcendo o próprio fenômeno que tentam estudar, ao insistir que ele acontece naturalmente.” (Newman e Holzman, 2003b, p.93, tradução nossa) ^{7*}

Newman afirma então que ao tentar resolver essas contradições, para se intitular ciência, a psicologia abdicou da investigação do que seria tipicamente humano e criou unidades de análises defendidas como “naturais”, que como consequência levou a uma visão cindida e individualizada de homem, rejeitando a subjetividade humana, que para ele é o distintivo do gênero humano englobando suas características “históricas, sociais, conscientes e autorreflexivas” (Holzman, 2003a, p.58, tradução nossa)⁸.

Visão de humano

A psicologia passa então a investigar o fenômeno humano por meio de recortes, ou “particulares” como Newman os chama, primeiro retirando o indivíduo de seu contexto ambiental e social, depois retirando dele características que podem ser eleitas como objetos de estudo. Porém como já apresentado, tais características seriam falaciosas já que a análise esmiuçada do ser-humano não reflete o ser humano “real”. Além disso, com essa investigação pormenorizada a ciência psicológica passa então a determinar “normativas” quanto a

⁶ No original: “there are no naively reasonable and recognizable natural phenomena in the realm of human social life-as-lived; there is nothing that can reasonably be agreed upon as indubitably real.” (Newman e Holzman, 2003b, p.93)

⁷ No original: “Attempts, then, to scientifically study human social life-as-lived wind up distorting the very phenomena that they aim to study by insisting that they occur naturally.” (Newman e Holzman, 2003b, p.93)

⁸ No original : “historicalness, socialness, consciousness and self-reflexivity” (Holzman, 2003a, p.58).

experiencia do ser-humano, criando assim a diferenciação entre o normal e o patológico e hiperfocalizando o indivíduo como o responsável por todos seus comportamentos.

É nessa individualização da experiência humana que Newman acredita residir as causas do grande mal-estar emocional que afeta as pessoas atualmente, o autor não acredita que a psicologia “mainstream” possa oferecer uma saída para essa condição, visto que mesmo a psicologia clínica, subcategoria responsável pelos métodos aplicados visando o cuidado e saúde mental dos indivíduos, está inserida na lógica individualizante que cria e perpetua o sofrimento psíquico. (Holzman, 2003b)

A partir dessa ótica Newman opta por uma ruptura total com a ciência psicológica e propõe uma nova perspectiva não epistemológica. Ele tenciona a elaboração de um método clínico que supere as problemáticas observadas por ele e que enfoque uma mudança radical do sujeito. E é nesse percurso que para além da sua atividade prática, o autor adota ideias Marxistas, Vigotskianas e Wittgenstenianas interpretadas a partir de uma lente pós-moderna, fazendo com que se possa considerar terapia social, nas palavras dos autores como uma síntese pós-moderna entre esses três pensamentos.

Sobre a questão Marxista, Newman admite a influência de Marx desde os princípios do seu trabalho, porém algumas ideias do teórico são mais presentes no desenvolvimento da TS do que outras, sendo elas o método do materialismo-histórico-dialético e os conceitos de alienação e atividade prático-crítica/revolucionária.

Friedman (2003) apresenta que Holzman e Newman abordam a polemica questão sobre uma interpretação pós-moderna do marxismo e explica que a maior crítica dos autores da TS quanto ao Marx teórico era seu empreendimento de “chegar à raiz das coisas” por meio de seu método (materialismo-histórico-dialético), isso é, realizar uma análise da realidade e tentar chegar as suas unidades básicas de construção (como os conceitos de base econômica e superestrutura). Na perspectiva pós-moderna de Newman e Lois a atitude de tentar entender o

que está por detrás das coisas é infrutífera, visto que não se pode provar que lá resida algo a ser desvelado, ou que exista uma divisão concreta entre o que é aparente e o que está “por trás” dessa aparência.

Friedman (2003) contextualiza a crítica dos autores argumentando que Marx estava inserido num contexto modernista e logo sua visão de homem e ciência estavam muito alicerçadas na visão de conhecimento da época, onde se visava chegar as partes fundamentais do mundo que interagem entre si para formar o todo. Mas que isso não significa uma falha no método e sim na sua aplicação que não rompeu com a noção hegemônica de conhecimento da época.

Essa crítica, entretanto, não abstém Holzman e Newman de concordarem e serem influenciados por outros aspectos Marxistas, já que ambos viam nas proposições de Marx uma resposta coerente as críticas aos paradigmas positivistas, um modo concreto de intervenção que rejeita as visões dualistas e metafísicas da realidade, que vê a vida como um continuo se fazer na história, como sujeitos ativos e relacionais (Holzman e Mendez, 2003). Os autores estadunidenses, concordam também com a visão de Vigotski, quando ele afirma que no materialismo histórico-dialético o objetivo não está em filosofar sobre o mundo e sim em transformá-lo, (Newman, 1999, citado em Holzman, 2011, p.4).

Além do método, dois outros conceitos Marxistas são centrais para a formulação do discurso da TS, a alienação e a atividade pratico-critica, também chamada pelos autores de atividade revolucionária.

Holzman (2003b) compreende a alienação como uma questão sociológica e não psicológica, isso é ela não é algo experienciado individualmente, na forma de uma sensação ou “estado de consciência”, ela diz respeito a uma forma de vida expressa no capitalismo onde há uma desconexão entre o produto e seu processo de produção. Sendo assim, a alienação tem influências tanto na forma como reproduzimos a vida quanto em como vivemos a própria vida,

ela não se mantem às custas de indivíduos alienados e sim de uma sociedade alienada. Para os autores, é necessária uma ruptura desse modelo, gerador de sofrimento psíquico, e a forma de se atingir esse objetivo é através da “atividade revolucionária”.

Esse outro conceito é retirado pelos autores das Teses de Marx a Feuerbach (1845), onde nos itens 2 e 3 Marx e Engels apresenta que “[Feuerbach] considera autenticamente humano apenas o comportamento teórico, enquanto a práxis só é apreendida e fixada em sua forma fenomênica judaica e suja. Eis por que não compreende a importância da atividade "revolucionária", "prático-crítica" (Marx e Engels, citado em Newman e Holzman, 2002, p.25)⁹

E resumizam a importância de tal conceito, quando o defendem como uma nova postulação, já que:

Embora o conceito de atividade não seja, é claro, exclusivo de Marx, a especificação da atividade como revolucionária, prático-crítica se originou com ele. A atividade revolucionária é a derrubada/transformação do estado de coisas existente, isto é, a mudança da totalidade do que há. Porque a dialética marxista não é a abstrata "unidade dos opostos" dos manuais, mas a prática real do método pelo qual a totalidade do que existe (a unidade da história) determina e é qualitativamente transformada pela atividade humana. (Holzman e Newman 2002, pp. 25-26).¹⁰

Com a adoção desse conceito, os autores passam a descrever o objetivo de suas variadas frentes de intervenções (já que atuam desde o teatro até a política) como a mobilização da Atividade Revolucionária na comunidade. Porém isso seria somente o início, já que a Terapia

⁹ tal tradução é feita por Marcos Bagno, tradutor do livro Lev Vygotsky - revolutionary scientist para o português, no texto disponível na íntegra pelo site marxist.org e traduzido do original alemão por Álvaro Pina, a tradução da frase final se dá como “Não compreende, por isso, o significado da actividade [sic] "revolucionária", de crítica prática.” porém preconizamos a tradução feita por Bagno, por entendermos que essa ela ilustra melhor a última frase de Marx em seu original “Er begreift daher nicht die Bedeutung der „revolutionären“, der „praktisch-kritischen“ Tätigkeit.” Onde o autor separa por vírgulas os termos “revolucionária” e “prático-crítica” na caracterização de atividade (Tätigkeit).

¹⁰ A partir dessa obra, a Atividade revolucionária é muitas vezes sinônimo dos termos “atividade práticos-crítica” e até mesmo “dialética”, causando um pouco de confusão quanto as especificações de cada conceito, como em Holzman (2011) e Holzman (2003b).

Social, só começaria a trilhar um caminho mais semelhante ao atual quando os trabalhos de Vigotski e Wittgesntein foram englobados nas discussões de Holzman e Newman.

Os autores viram em Vigotski alguém que assim como eles estava primordialmente interessados em fazer uma nova psicologia, uma psicologia revolucionária. Em Vigotski os autores encontraram alguém que também criticava as visões dualistas e metafísicas de conceitos e análises psicológicas e que havia de fato empreendido uma psicologia que utilizasse do materialismo-histórico-dialético como método para a investigação psicológica e intervenção da realidade.

Em seu livro intitulado “Lev Vygotsky - revolutionary scientist” (Holzman e Newman, 2003)¹¹ os autores detalham suas leituras e interpretações a respeito das contribuições que Vigotski ofereceu tanto a Terapia Social quanto à Psicologia como um todo, mencionando desde sua postura questionadora para com outros teóricos da época, como Piaget, até suas novas proposições de constructos psicológicos como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para eles, a morte precoce de Vigotski é um grande infortúnio pois impediu que o autor elucidasse e desenvolvesse mais aspectos de suas proposições, entretanto acreditam que as ideias que o autor soviético ofereceu em vida já seriam suficientes para que seus posteriores continuassem a empreitada de uma “nova psicologia”.

Para Holzman e Newman a maior contribuição de Vigotski se dá no uso do método, em seu livro "Lev Vygotsky: cientista revolucionário" há inclusive um subcapítulo dedicado a discussão sobre o “Vigotski psicólogo” e o “Vigotski metodólogo”, o primeiro sendo as interpretações e influências do autor dentro do que podemos entender como a “ciência psicológica”, isso é, a psicologia hegemônica atual, nesse contexto as contribuições de Vigotski são tomadas como descobertas da natureza psicológica e o papel de seus aprendizes e contribuintes é o de utilizar o legado de Vigotski para edificar e fortificar suas próprias atuações,

¹¹ traduzido pela editora Loyola como: Lev Vygotsky cientista revolucionário, 2002

a outra visão, do Vigotski metodólogo, é preferida pelos autores que consideram como característica mais marcante de Vigotski sua questão metodológica, ou seja, alguém que questionava e propunha mudanças no cerne das atividades base da psicologia, na sua epistemologia (Newman e Holzman, 2002).

Isso não significa que Holzman e Newman não reconheçam os feitos de Vigotski dentro da psicologia “científica”, toda sua teorização a respeito da linguagem, da relação entre aprendizagem e desenvolvimento, o conceito de ZDP, são inclusive muito importantes para os autores e o desenvolver de suas práticas, porém eles argumentam que tais contribuições são relevantes pois Vigotski tinha sempre como base uma outra concepção de método para a psicologia. (Newman e Holzman, 2002).

Essa proposta radical de Vigotski estava ligada a suas bases Marxistas, o autor acreditava que era preciso utilizar do materialismo-histórico-dialético para a investigação (e intervenção) da atividade humana, isso pois o método científico empirista não levava propriamente em consideração a reflexividade humana, ou seja, que a utilização de um instrumento de investigação influencia no sujeito investigado e suas respostas quanto a tal instrumento, o que faria com que o resultado fosse sempre influenciado pelo instrumento e coloca como falaciosa a ideia de imparcialidade investigativa. (Newman, 2003a).

Sendo assim, Vigotski, assim como Marx, não via o método como algo desvinculado do conteúdo investigado e seus resultados, e prezava pelo método como prática. Na visão de Holzman e Newman o que Vigotski fez foi transpor a questão Marxista da práxis para o campo psicológico, propondo uma metodologia ativa de instrumento-e-resultado e não instrumento-para-resultado.

Apesar dessa nomenclatura ter sido atribuída ao método de Vigotski por Holzman e Newman, o conceito de instrumento é importante e bastante abordado na obra do autor russo. Como na vertente marxista é através dos instrumentos que o homem atua sobre a natureza e

influência na sua forma, Vigotski, porém dá um salto nessa conceituação ao transpor que os instrumentos também influenciam na organização psíquica, Holzman e Newman porém não se aprofundam nessa conceituação, tão pouco na diferenciação entre ferramenta e signo, eles focam na ideia de que para uma leitura revolucionária do autor é preciso entender a distinção entre um instrumento-para-resultado e um instrumento-e-resultado.

Para auxiliar na explicação de suas ideias, eles utilizam a metáfora de que “Os instrumentos de uma loja de ferramentas e os instrumentos de um ferramenteiro são qualitativamente diferentes” isso pois os primeiros seriam aqueles instrumentos já socialmente estabelecidos, com uma função pré-determinada pelo contexto social ou por um objetivo previamente dado, como por exemplo um martelo, uma cadeira, uma fórmula matemática, ou até mesmo instrumentos cognitivos como as emoções e os conceitos abstratos, o emprego deles tem uma finalidade. Já os instrumentos de ferramenteiro (instrumento-e-resultado) nas palavras do autor:

é diferente de um modo muito importante. Embora tenha um propósito, ele não é categoricamente distinguível do resultado obtido com seu uso. Explicitamente criado com o fim de ajudar a criar um produto específico, ele não tem qualquer identidade social pré-fabricada independente dessa atividade. (...). É a atividade produtiva que define os dois - o instrumento e o produto (o resultado). (...) Tais instrumentos (ou, semanticamente falando, este sentido da palavra "instrumento") definem seus usuários humanos de modo bem diferente daquele como o fazem os instrumentos da loja de ferramentas, sejam eles da variedade física, simbólica ou psicológica. Os instrumentos internos cognitivos, comportamentais, criativos, linguísticos desenvolvidos com base no tipo social de instrumentos do ferramenteiro são incompletos, não-aplicados, não-nomeados e, talvez, não-nomeáveis. Dito mais positivamente, eles são inseparáveis dos resultados pelo fato de que seu caráter essencial (seu aspecto definidor) é a atividade de

seu desenvolvimento, em vez de sua função. (...) Isso não quer dizer que tais instrumentos-e-resultados sejam sem função. Quer dizer, sim, que a tentativa de definir instrumentos-e-resultados por sua função (como no caso dos instrumentos para resultados) distorce fundamentalmente o que eles são (e, é claro, no processo, o que é a definição). (Holzman e Newman, 2002, p.51-52)

É então essa perspectiva dialética do instrumento-e-resultado que os autores consideram fundamental e revolucionária das proposições Vigotskianas. Já que a partir dela além da possibilidade de superar as visões dualistas da investigação e constituição humana (corpo E mente, consciente E inconsciente), se pode criar uma psicologia verdadeiramente humana, interventiva, que trate do sujeito como criadores e não somente reprodutores da vida (alienação). Na linguagem dos autores, com essa metodologia se pode criar atividade-revolucionária (prático-crítica), ou melhor ambientes em que essa atividade possa acontecer (Holzman, 2011).

Com a apresentação de alguns pontos centrais da obra de Holzman e Newman e levando em consideração que a Terapia Social ainda se encontra em desenvolvimento, para adentrar o segundo objetivo deste trabalho faz-se necessário um afunilamento no intuito de discutir as aproximações e distanciamentos entre as ideias dos autores estadunidenses e as ideias centrais da psicologia histórico-cultural. Sendo assim, os próximos tópicos de discussão serão focalizados na prática clínica de ambas as proposições.

Terapia Social e Psicologia Histórico-cultural

Ferreira (2017) e Clarindo (2020) realizam um trabalho de investigação a respeito de teóricos que utilizam da perspectiva histórico-cultural em suas práticas clínicas. Apesar de os autores realizarem seus trabalhos em perspectivas que enfocam uma psicoterapia individual, entendemos que o conceito de clínica é amplo e engloba as práticas grupais, já que eles também

são importantes intervenções de cuidado e regidos pela ética compartilhada em toda a psicologia clínica, como apontado por Pereira e Sawaia (2020). Sendo assim nos inspiramos nos trabalhos dos autores para eleger categorias que auxiliem a discussão proposta.

Concepção de sujeito

A visão de sujeito de Holzman e Newman é bastante próxima a visão da PHC. Os autores apresentam fortes argumentações contra características inatas ao gênero humano e veem sua constituição como socialmente-ativa, nas palavras de Holzman e Mendez (2003, p.65) “Nós entendemos todo comportamento humano como sendo social, não só em suas origens, mas minuto-a-minuto, na sua expressão prática básica.” (tradução nossa).¹² Os autores levam sua discussão um pouco mais a frente quando afirmam que para compreender as possibilidades do ser, é preciso se livrar dos delineamentos ônticos e da pré-interpretação da realidade. Já que não há nada na história que não esteja ligado a “criação humana” (Holzman, 2003a, p.67)¹³. Para eles a principal característica do gênero humano é a atividade revolucionária, (Newman e Holzman, 2002, p.61), capacidade de ativamente refazer o mundo a o seu redor, conceito retirado dos escritos de Marx, mas que também se interliga à compreensão dialética que Vigotski apresenta sobre o desenvolvimento.

Sintetizar uma definição do termo desenvolvimento, tanto para Vigotski quanto para Holzman e Newman, talvez não seja a melhor forma de abordar o importante papel que dessa ideia na discussão dos autores. Apesar de Vigotski abordar amplamente a questão do desenvolvimento em suas obras, duas em específico se fazem mais presentes quando abordamos a clínica, uma delas é apresentada por Clarindo (2020) como:

¹² No original: “We take all human behavior to be social, not just social in its origins, but social in its expression on a minute-to-minute practical basis.”

¹³ aqui os autores não especificam qual tipo de criação, porém entendemos que eles estão abrangendo tanto os instrumentos físicos, quanto os simbólicos.

O ser humano é constituído pelos quatro domínios ou linhas de desenvolvimento preconizadas pela teoria: a filogênese, a ontogênese, a sociogênese e a microgênese. (...) Ao analisarmos a constituição de um sujeito, destarte, devemos levar em consideração a história evolutiva de sua espécie, para sabermos suas potencialidades e limitações biológicas; o momento cronológico em que se encontra na vida, para entendermos as potencialidades e limitações biológicas daquela fase; a sociedade e os grupos dos quais faz parte, para considerarmos as possibilidades culturais que tem à disposição; e sua história de vida pessoal, para entendermos como os micro eventos de sua história influenciaram em seu desenvolvimento. Levando em consideração todas essas linhas de desenvolvimento, podemos superar um tipo de visão unidimensional e limitada sobre o desenvolvimento dos sujeitos. (p.90)

Essa consideração é importante pois seria na interrelação entre esses quatro domínios que se daria a gênese dos processos psicológicos humanos. Holzman e Newman porém não abrangem toda essa discussão¹⁴ e partem somente da conclusão que Vigotski chegou sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores; que elas estão ligadas ao processo de socialização dos sujeitos (Zanella, 2020).

O que leva Holzman e Newman a uma outra reflexão apresentada por Vigotski sobre o desenvolvimento, a relação entre ele e a aprendizagem. Como apresentado anteriormente, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores no ser humano é possível, mas não é pré-determinado, Pereira e Sawaia (2020) apresentam que para que ele aconteça é necessária a socialização do sujeito a fim de que ele se aproprie dos signos culturais e deixe de ter uma relação imediata com seu entorno (característica das funções primárias psíquicas, como os reflexos) e passe a ter uma relação mediada. Com a apropriação simbólica e cultural, o sujeito

¹⁴ Newman menciona o método genético de Vigotski e o critica, acusando o autor soviético de “coisificar” a história, consideramos sua arguição rasa pois ele aborda somente um dos aspectos levantados por Vigotski e o compara ao conceito de atividade revolucionária, que os autores consideram mais abrangentes, porém o fazem sem grandes elaborações. (Holzman e Newman, 2002, p.105)

se transforma através do que Vigotski apresenta como crises dialéticas que resultam em saltos qualitativos no seu desenvolvimento (Clarindo, 2020).

Considerando então a aprendizagem como apropriação da cultura percebemos que ela está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento, Vigotski (2007) diz que:

Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (p.103)

A relação entre aprendizado e desenvolvimento também se estende para a proposição que o autor faz das Zonas de Desenvolvimento Proximais, que diz respeito à diferença entre o desenvolvimento estabelecido do sujeito, ou o que ele consegue realizar por si só (desenvolvimento real) e o desenvolvimento potencial, aquele que o sujeito consegue alcançar com a ajuda da mediação (instrumental, simbólica ou de um outro mais experiente).

É nesse ponto que Holzman e Newman se apropriam das ideias do autor russo. Os estadunidenses a defendem como uma das principais elaborações de Vigotski, onde ele teria integrado seu método instrumento-e-resultado de maneira exemplar. Eles reiteram, porém, que a ZDP "não é zona coisa nenhuma" e a abordam como uma unidade integrativa, que permite analisar o sujeito na história, o que para eles é pivotante já que o objetivo da psicologia deveria ser o estudo do ser na história¹⁵ A ZDP então é a forma (não o local) como os seres humanos experienciam, organizam e significam suas vivências. Os autores utilizam recorrentemente a metáfora Vigotskiniana de “ser uma cabeça maior do que somos” para se referir as

¹⁵ Holzman e Newman classificam a história como sendo a contínua existência humana em sua totalidade em contrapartida à sociedade, que é um arranjo temporal específico dos sujeitos na história (Holzman e Newman, 2002, p.56).

possibilidades ligadas à zona de desenvolvimento proximal e utilizam da unidade “criação de significado/aprendizagem-conduzindo-desenvolvimento” para descrever a circularidade e correlação entre o que para eles acontece na ZDP (Holzman, 2020). A importância dessa unidade se dá na quebra do que eles denominam “desenvolvimento finito” ou “desenvolvimento individual”, perspectiva recorrente na contemporaneidade, onde mudanças radicais e qualitativas das possibilidades do sujeito são marginalizadas e impossibilitadas (Newman e Holzman, 2002).

Newman e Holzman (2002) reconhecem o sofrimento psíquico como um fenômeno existente, eles não debatem o assunto de forma específica, e lançam mão de uma visão não prescritiva sobre diagnósticos ao mencionar que: “(a) privação da identidade histórica nos deixa vulneráveis tanto à mudança política reacionária (fascismo) como à psicopatologia (por exemplo a depressão)” (p.57) por privação da identidade histórica os autores estão fazendo menção ao conceito de alienação, o qual a sociedade oferece um contexto não propício às atividades prático-crítica dos sujeitos, ou em outros termos, não propício ao desenvolvimento já que ele estaria atrelado a aprendizagem e ao ambiente sociocultural. Sendo então o desenvolvimento sinônimo de mudanças qualitativas do sujeito (Holzman, 2003b).

Ao associarmos essa ideia de Holzman e Newman, com a sua visão base do humano em constante mutabilidade¹⁶, podemos entender que a concepção de sofrimento psíquico dos autores se aproxima das discussões feitas por Clarindo (2020) a respeito do “comportamento fossilizado”, o autor explica que Vigotski percebeu que em resposta as adversidades os indivíduos tendiam a fazer uso de uma forma de mediação já desenvolvida e estipulada, muitas vezes se desligando do potencial de novas formas de mediação. Sendo assim, era necessária a criação de “situações artificiais” para que novas formas de ser pudessem ser investigadas.

¹⁶ os autores afirmam que “a ausência de qualquer essência no sentido platônico e aristotélico é, de modo aparentemente contraditório, em si mesma a essência distintivamente humana. A contínua criação de essência pela atividade revolucionária é a essência/não-essência de nossa espécie. Os seres humanos são, criadores de essência, de instrumentos, de revolução, de significado (Holzman e Newman, 2002, p.65)”

A expressão do comportamento fossilizado então seria semelhante ao processo de alienação, onde devido ao seu entorno social o sujeito se vê desvinculado da história e de sua produção e logo não atuaria de forma reflexiva na construção de sua realidade. A fim de superar essa problemática o sujeito precisa ativamente formular novos processos de mediação. Sendo assim, o foco das intervenções psicoterapêuticas está em conscientizar o sujeito sobre sua potencialidade no mundo e a importância de suas atuações intencionais na realidade.

A clínica na Terapia Social.

Holzman e Newman apresentam diversas intervenções na comunidade na forma de organizações políticas, companhias de teatro, escolas teste, porém, sua principal intervenção clínica reside na forma de grupos terapêuticos¹⁷. Devido a suas interpretações do conceito de ZDP de Vigotski, Holzman e Newman apresentam a necessidade de se compor espaços grupais que permitam o desenvolvimento (*development*) de seus integrantes de maneira socializada, para a Terapia Social o grupo é a unidade terapêutica. Os grupos são em sua maioria, heterogêneos, contínuos (membros podem entrar e sair de acordo com as próprias vontades) e semanais com a duração de 90m (Holzman, 2020).

Holzman (2020, p. 3) apresenta que:

A pessoas entram na Terapia Social, como na maioria das outras psicoterapias, querendo ajuda. Elas normalmente querem saber o “que está errado comigo”, como consertar e se sentir melhor. O terapeuta social lhes dirá que a terapia social não tem a proposição de ajudá-los com seus problemas individuais ou os fazer se sentirem melhores. Tem como proposição ajudá-los a se desenvolver, isso é, gerar transformações qualitativas, criar crescimento emocional através da participação junto aos seus pares na construção de algo em conjunto, isso é, o (seu) grupo (tradução nossa)¹⁸.

¹⁷ os autores fazem menção a terapia individual, porém sem muita elaboração e sempre reafirmando a primazia dos grupos no seu trabalho, (Newman e Holzman 2003^a)

¹⁸ No original: “People come into social therapy, as they do most therapies, wanting help. They typically want to know “what’s wrong with them,” how to fix it, and to feel better. The social therapist will tell them that social

A terapia social seria então um instrumento-e-resultado, com a intenção de criar espaços para crescimento emocional, tal crescimento se pauta na desnaturalização da noção do "ser". Já que o "ser" seria a comoditização da experiência humana, focalizando somente o estado atual, inerte, do sujeito logo sendo contrária a condição humana do “tornar a ser” (*being vs become*) que é o produto do desenvolvimento. (Newman e Holzman, 2003a)

Nas palavras de Holzman é papel do Terapeuta Social "despir a comoditização que hiperdefine não só como nós enxergamos e sentimos, mas também como nos comunicamos e relacionamos, e o que acreditamos ser possível". (Newman e Holzman, 2003a, p.8)¹⁹ Onde “despir a comoditização” significa auxiliar os participantes a compartilhar emoções que antes eram tidas como posse, como singulares, para a partir daí compreender que em conjunto é possível criar opções emocionais.

O terapeuta social trabalha com o grupo a fim de torná-lo uma zona de desenvolvimento proximal de emoções. Já que seria o objetivo do grupo não está no **que** é falado e sim em **como** falar sobre o que eles querem falar, de uma forma que o grupal, e não somente o indivíduo que levanta a questão, possa se desenvolver (Newman e Holzman, 2003a).

Dentro do grupo a *performance* seria a forma de expressão amparada pelo Terapeuta Social. Esse termo adotado pelos autores posteriormente a suas primeiras elaborações a respeito das ideias Vigotskinianas (Holzman, 2011), integra as diversas discussões e críticas de Holzman e Newman quanto a psicologia hegemônica e sua metodologia, e apresenta qual o objetivo de suas intervenções clínicas. Em suas palavras Newman e Holzman (2003b) afirmam que:

therapy is not designed to help them with their individual problems or help them feel better. It is, rather, designed to help them develop, that is, to generate qualitative transformation, to create new emotional growth through participating with their group members in building something together” (Holzman, 2020, p.3)

¹⁹ O original: "(we must find ways to) strip away the commodification that over-determines not only how we see and feel, but also how we speak and relate, and what we believe to be possible." (Newman e Holzman, 2003a, p.8)

Nós entendemos a Performance como sendo uma atividade revolucionária nos termos de Marx e Vigotski- uma atividade humana que é totalmente autorreflexiva, transformativa da totalidade, uma ferramenta-e-resultado ao contrário de uma ferramenta para resultado instrumentalizada, relativa a nada além (do fora) de si mesma. Atividade revolucionária é “totalmente processo,” criativamente e constantemente emergente. (Newman e Holzman, 2003b, p. 100)²⁰

A performance seria então a forma não alienada do sujeito atuar no mundo, mas também não natural. Para que a Performance aconteça é necessário a criação de ambientes que se diferencie da vida real, onde os papéis dos sujeitos já estão pré-estabelecidos, ambientes onde o sujeito seja tratado como o que ele ainda não é. A importância do grupo na Performance é que ele seria a ZDP onde os sujeitos podem se desenvolver emocionalmente, e assim como o desenvolvimento é inseparável da atividade de criar ambientes que o tornem possível, para a Performance é necessário um “teatro sem palco” (nesse caso o grupo) que os indivíduos ao mesmo tempo criam e utilizam para crescer emocionalmente. (Holzman, 2003b e 2020).

É importante ressaltar que apesar de originário nas artes cênicas o termo performance²¹ não é adotado pelos autores como uma atividade artística e sim como uma atividade necessária para superar o ambiente e relações alienadas privilegiadas pelo capitalismo (Holzman, 2003b). Ainda assim a Performance é recorrentemente ligada a questões relacionadas ao teatro, devido à proximidade e interesse que Newman apresentava com o tema²² e apesar de Newman

²⁰ No original: “We take performance to be a revolutionary activity in Marx’s and Vygotsky’s sense of the term— human activity that is fully self-reflexive, transformative of the totality, a tool-and-result rather than an instrumental tool for result, relative to nothing other than (outside) itself. Revolutionary activity is “all process,” creatively and constantly emergent.” (Newman e Holzman, 2003b, p.100)

²¹ No livro Lev Vygotsky cientista revolucionário, o tradutor utiliza “desempenho” como tradução do termo performance, interpretamos que o termo não é o mais adequado, pois remete a ideias divergentes das bases filosóficas dos autores, logo optamos pela manutenção do termo em seu original, Performance.

²² o autor como já mencionado também escrevia peças que tinham como foco o desenvolvimento humano, para ele a exploração do teatro apresentava grandes contribuições para seus debates a respeito da psicologia e da psicoterapia. (Holzman, 2003b; e Holzman, 2011).

trabalhar com grupos que ativamente montam peças teatrais, os grupos “clássicos” da terapia social se apoiam em conversas performativas.

Newman e Lois apresentam grande familiaridade com pensamentos a respeito da linguagem e utilizam os trabalhos do filósofo Ludwig Wittgenstein para seus debates a respeito do papel da linguagem na constituição do humano, Camargo-Borges (2010) sintetiza essa contribuição como:

a linguagem está sempre articulada a uma forma de vida específica, contextualizada em prática comunicativa, e como conduzimos uma conversa está sempre inserido num jogo, que é o jogo linguístico, que contém regras para que se possa ser entendido e entender. Apesar de a função fundamental da linguagem ser designativa, ela não se reduz a isso. No conceito do autor, não se trata de mera designação de objetos isolados em que cada palavra representa algo, mas de uma atividade humana situada cultural e historicamente. A forma com que são realizadas a fala e a expressão diz de um determinado entendimento de mundo. Portanto, dentro desse entendimento, junto com a linguagem, há uma determinada forma de vida. (p.54)

Eles, porém adotam uma proposição vigotskiana importante sobre a relação entre pensamento e linguagem, a de que “o pensamento não se expressa mas se realiza na palavra” (Vigotski, 2020, p.412) entretanto devido a questões de tradução²³ Holzman e Newman chamam esse conceito de completação (*completion*), e o interligam na noção de que se estamos nos comunicando socialmente, a completação pode também se dar pelos outros, a medida em que se criam diálogos na Performance da língua, ao invés da simples exteriorização de pensamento internos. (Newman e Gergen, 2003).

O método clínico dos autores parte então da síntese de diversos pensadores e de uma crítica a epistemologia da ciência moderna, sendo assim concordamos com Clarindo (2020) e

²³ na versão em inglês citada pelos autores a frase é “it is not expresses but completed in the word” Vygotsky, 1987, citado em Newman e Gergen, 2003, pg.81)

sua afirmação de que os autores não apresentam uma prática clínica estritamente histórico-cultural, o que nunca foi a pretensão de Holzman e Newman, porém suas elaborações a partir dos escritos de Vigotski alicerçados pelo uso do método dialético marxista permitem vislumbres das possibilidades interventivas derivadas dos conceitos Vigotskinianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a TS pode auxiliar na reflexão sobre a elaboração de um método clínico histórico-cultural por apresentar uma atuação que aborde a primazia do método dialético, além de compreender o sujeito como ser social e em constante desenvolvimento, construindo e sendo construído junto ao seu entorno, além e expor abertamente suas bases filosóficas e concepção de sujeito, assumindo um papel ético e político quanto a uma formação mais comunitária das relações. Em contrapartida, discordamos da forma como os autores abdicam em sua maioria a investigação científica psicológica, visto que Vigotski também não concordava com a forma que a psicologia estudava os sujeitos em sua época, porém ele não negou a importância dos estudos sobre o psiquismo em si, e sim propôs uma nova ótica de investigação. Tal investigação ainda se mostra importante para que propostas interventivas possam ser realizadas com maior reflexão e níveis de rigorosidade ética e prática, visando sempre a emancipação do sujeito e não sua normatização.

O foco da Terapia Social na atividade grupal também é importante, pois auxilia na percepção do grupo como ferramenta extremamente potente de trabalho e uma prática completa, em contrapartida aqueles que o retratam como segunda forma de atendimento, relativa a um olhar mercantil de cuidado onde a razão de se trabalhar em grupos se prima no atendimento a uma maior quantidade de pessoas em menos tempo. Os autores retratam os grupos como unidade central da prática de cuidado e de alguma forma visam instrumentalizar

os sujeitos para que eles possam se constituir não só nos grupos terapêuticos, mas em todos os seus locais de vida. Entretanto a menção de Holzman e Newman à práticas individuais gera curiosidade, visto que eles não debatem o ponto com profundidade, Clarindo (2020) aponta que os trabalhos na clínica individual que utilizam a teoria histórico-cultural, principalmente a longo prazo, não são muitos, logo mesmo desviando de seu foco na atividade grupal, uma discussão mais abrangente sobre como eles lidam com casos específicos na terapia individual seria bastante interessante para o crescente interesse e estudo dos profissionais da PHC sobre a prática clínica.

Vale também reafirmar que os materiais escritos a respeito da TS são extensos, em sua maioria na língua inglesa e sem tradução para o português, seus contribuidores apresentam uma grande produção acadêmica a respeito da sua atuação e reflexões, entretanto pela sua natureza dialética e não hierarquizada a Terapia Social está em constante transformação o que faz com que por vezes o leitor fique perdido entre discussões passadas e atuais, e apesar de extremamente focalizada em sua atividade prática, é bastante difícil visualizar o real funcionamento dos grupos dentro das discussões teórico-filosóficas apresentadas em seus trabalhos escritos.

Também compreendemos a importância das ideias dos autores quando levamos em consideração sua posição geográfica, já que a TS foi concebida e continua sendo elaborada principalmente nos Estados Unidos da América, um país onde as políticas liberais e o culto à individualidade se fazem tão presentes, entendemos então que as práticas grupais e validação da comunidade se fazem extremamente valiosas como prática de cuidado. Ainda sobre sua localização e temporalidade, é preciso lembrar que o acesso que os autores estadunidenses tiveram aos escritos de Vigotski no início das suas formulações eram escassos, além de restringidos pela questão da tradução (sabemos que, por exemplo, o livro *Pensamento e linguagem* de Vigotski, em suas primeiras traduções, continha edições em seu conteúdo o que

aconteceu na sua edição em inglês, referenciada pelos autores e que hoje possui uma versão “expandida e revisada” assim como a edição em português). O que abre a possibilidade de novas interpretações e integrações das ideias do autor no corpo de trabalho da Terapia Social, assim como no da psicologia histórico-cultural.

Por fim reiteramos que a Terapia Social não tem pretensão de se encaixar dentro da Psicologia Histórico-cultural, seus autores não buscam esse título e são bastante claros sobre a síntese teórica que realizam utilizando-se de conceitos advindos de diversas perspectivas teóricas. Entretanto, isso não diminui as contribuições que a Terapia Social oferece para se pensar o papel da clínica com base no método Marxistas e conceitos Vigotskianos, e suas possíveis intervenções, principalmente quando lembramos que ainda há uma relativa escassez de trabalhos desenvolvidos a longo prazo nesse enfoque.

Referencias

Bedrikow, R., & Campos, G. W. de S. (2011). Clínica: A arte de equilibrar a doença e o sujeito. *Revista Associação Médica Brasil*, 57(6), 610–613. <https://doi.org/10.1590/S0104-42302011000600003>

Ministério da Saúde. (2009). *Clínica ampliada e compartilhada*. Secretaria de atenção à saúde, Política nacional de Humanização da atenção e Gestão do SUS. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_compartilhada.pdf

Camargo-Borges, C. (2010). Terapia social: Desenvolvimento humano e mudança social. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(3), 48-58. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000300007&lng=pt&tlng=pt

Campos, G. W. de S. (2002). A clínica do sujeito: Por uma clínica reformulada e ampliada. In: G. W. de S., Campos. *Saúde Paidéia*. Editora Hucitec.

Clarindo, J. M. (2020). Clínica histórico-cultural: Caracterizando um método de atuação em psicoterapia. [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará.]. Repositório

Cambridge University Press. (n.d.). Clinical. In *Cambridge dictionary*. Recuperado em 22 de Junho de 2022 from <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/clinical>

Costa, F. T. da., Moehlecke, V., & Fonseca, T. M. G. (2004). Abrir o corpo da clínica. In T. M. G. Fonseca & S. Engelman (Orgs.), *Corpo, Arte e Clínica* (pp. 299–304). Editora da UFRGS.

Costa, J. da. (2008). As voltas do pós-modernismo. *Moenia*, 14, 435–455.

Cunha, G. T. (2004). A construção da clínica ampliada na atenção básica [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2004.328948>

Delari Junior, A. (2012). O sujeito e a clínica na psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais. Umarama: Mimeo, 2012.

Echemendía-Tocabens, B. (2014). Psicoterapia y enfoque histórico-cultural. Aportes y desafios. *Santiago*, (133), p. 85-98.

Ferreira, J. P. B. (2017). Psicoterapia na perspectiva histórico-cultural e sócio-histórica: Análise de três propostas teórico-metodológicas [Tese de conclusão de curso não publicada]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Fonseca, T. M. G., & Farina, J. T. (2012). Clinicar. In M. L. do Nascimento, C. Maraschin, & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Pesquisar na diferença: Um abecedário* (pp. 49–52). Meridional Ltda.

Fonseca, T. M. G., & Kirst, P. G. (2004). O desejo de mundo: Um olhar sobre a clínica. In T. M. G. Fonseca & S. Engelman (Orgs.), *Corpo, Arte e Clínica* (pp. 305–312). Editora da UFRGS. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000300004>

Friedman, D. (2003). Twenty-two Weeks of Pointless Conversation. In L. Holzman (Ed.), *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (p. 157–196). Routledge.

Guedes, E. F., Martinho, N., & Moraes, J. B. E. de. (2009). O ‘assunto’ na ciência da informação: A questão do aboutness. [Poster]. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-

graduação em Ciência da Informação, 10., 2009, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/171918>

Gunlanda, O. A. C., Gomes, A. H., & Baade, J. H. (2017). Vigotski e a clínica psicológica: Considerações a partir de seus escritos. *RIES*, 6(2), 217–235.

Hicks, S. R. C. (2011). *Explicando o Pós-Modernismo Ceticismo e Socialismo—De Rouseau a Foucault*. (S. Vieira, Trad.). Callis Editora Ltda.

Holzman, L. (2003a). Life as Performance. In L. Holzman (Ed.), *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (p. 49–72). Routledge.

Holzman, L. (2003b). *Performing psychology: A postmodern culture of the mind*. Routledge.

Holzman, L. (2011, 22-23 de outubro). *Fred Newman and the Practice of Method*. Third International Academic Conference on Contemporary Capitalism Studies, Hangzhou China.
<http://loisholzman.org/wp-content/uploads/2008/11/China.2011adoc.pdf>

Holzman, L. (2020). *Constructing Social Therapeutics* <https://loisholzman.org/wp-content/uploads/2020/12/Constructing-Social-Therapeutics.pdf>

Holzman, L., & Mendez, R. (Eds.). (2003). *Psychological investigations: A clinician's guide to social therapy*. <https://doi.org/10.4324/9780203010792>

Holzman, L., & Newman, F. (2012). *Activity and Performance (and their Discourses) in Social Therapeutic Method*. <http://fnphd.squarespace.com/activity-and-performance/>

Jaeger, R. L., & Fonseca, T. M. G. (2012). Vidas reduzidas à doença mental e a transversalização da clínica. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 380–390.

Liddell, H. G., & Scott, R. (1996). *A Greek-English lexicon* (Ed. Revised and Augmented.). Oxford University Press.

Marx, K. (1845). *Teses sobre Feuerbach*. (A, Pina. Trad.). Arquivo Marxista na Internet.
<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>

- Miranda, N. C. M. C. de. (2019). *Análise de assunto das imagens dos cartões-postais do acervo Alaíde Lisboa de Oliveira: O uso do Aboutness e do Ofness na extração dos conceitos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/31576>
- Nascentes, A. (1955). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Desconhecido.
- Newman, F. (2003a). A therapeutic Deconstruction of the Illusion of Self. In L. Holzman (Ed.), *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (p. 111–132). Routledge.
- Newman, F. (2003b). The Story of Truth (A whodunit). In L. Holzman (Ed.), *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (p. 143–157). Routledge.
- Newman, F., & Gergen, K. (2003). Diagnosis. In L. Holzman, *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (Ed.) (p. 73–86). Routledge.
- Newman, F., & Holzman, L. (2002). *Lev Vygotsky: Cientista Revolucionário* (M. Bagno, Trad.). Edições Loyola.
- Newman, F., & Holzman, L. (2003a). All power to the developing. *Annual Review of Critical Psychology*, 3, 8–23. <https://discourseunit.com/annual-review/arcp-3-2003/>
- Newman, F., & Holzman, L. (2003b). Beyond Narrative to Performed Conversation. In L. Holzman (Ed.), *Performing psychology: A postmodern culture of the mind* (p. 87–110). Routledge.
- Newman, F., & Holzman, L. (2005). *Lev Vygotsky: Revolutionary Scientist* (Ed. Publicada na Taylor & Francis e-Library). Routledge.
- Passos, E., & Benevides, R. (2006). Passagens da clínica. In A. Maciel, D. Kupermann, & S. Tedesco (Orgs.), *Polifonias: Clínica, Política e Criação* (p. 89–100). Conreacapa.
- Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: Espaço de diálogo e potência*. Pedro & João.
- Sousa, A. S. de, Oliveira, G. S. de, & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: Princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 64–83.

Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (7ª ed., M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, & E. Souberman, Orgs.; J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche, Trad.) Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2020). *A construção do pensamento e da linguagem*. (4ª ed., P. Bezerra, Trad.). WMF Martins Fontes.

Zanella, A. (2020). *Psicologia histórico-cultural em foco: Aproximações e alguns de seus fundamentos e conceitos*. Edições do Bosque/UFSC.